

Vivências e Práticas de Psicólogas Hospitalares Durante a Pandemia De Covid-19

Bárbara Aline Bezerra de Miranda

Cintia Braghetto Ferreira

RESUMO

O(a) psicólogo(a) hospitalar é o profissional responsável por oferecer cuidados em saúde mental a pacientes, familiares e equipes de saúde. No ano de 2020, com a chegada da pandemia de Covid-19, os profissionais de saúde foram expostos a um cenário desafiador. Tendo em vista os possíveis impactos da pandemia na prática desses profissionais, esta pesquisa objetivou compreender como psicólogos(as) hospitalares vivenciaram, sentiram e estruturaram suas práticas durante a pandemia. Trata-se de uma pesquisa qualitativa-descritiva, em que participaram 9 psicólogos hospitalares, pertencentes ao quadro de pessoal de um Hospital geral universitário. Utilizou-se como instrumento um roteiro semiestruturado e imagens de Frida Kahlo, analisadas ancoradas no construcionismo social e na *arts-based research* como aporte metodológico. Os resultados apontam que as participantes vivenciaram sentimentos como incerteza, medo e sensação de não pertencimento à instituição. Além disso, práticas de cuidado como a busca ativa de pacientes e o acompanhamento de visitas precisaram ser readaptadas.

Palavras-Chave: psicologia hospitalar; pandemia; vivências; práticas.

ABSTRACT

Experiences and Practices of Hospital Psychologists During the Covid-19 Pandemic

The hospital psychologist is the professional responsible for offering mental health care to patients, family members and health teams. In 2020, with the arrival of the Covid-19 pandemic, health professionals were exposed to a challenging scenario. In view of the possible impacts of the pandemic on the practice of these professionals, this research aimed to understand how hospital psychologists experienced, felt and structured their practices during the Covid-19 pandemic. This is a qualitative-descriptive research, in which 9 hospital psychologists, belonging to the staff of a public university hospital, participated. A semi-structured script and images by Frida Kahlo were used as an instrument, analyzed anchored in social constructionism and *arts-based research* as a methodological contribution. The results indicate that the participants experienced feelings such as uncertainty, fear and a feeling of not belonging to the institution. In addition, care practices such as actively searching for patients and following up on visits needed to be readapted.

Keywords: hospital psychology; pandemic; experiences; practices.

Sobre os autores

B. A. B. M

<http://orcid.org/0000-0002-8508-4826>

Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM
Uberaba - Minas Gerais
barbara.miranda07@hotmail.com

C. B. F.

<http://orcid.org/0000-0003-4070-7169>

Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM
Uberaba - Minas Gerais
cintia.ferreira@uftm.edu.br

Direitos Autorais

Este é um artigo de acesso aberto e pode ser reproduzido livremente, distribuído, transmitido ou modificado, por qualquer pessoa desde que usado sem fins comerciais. O trabalho é disponibilizado sob a licença Creative Commons CC-BY-NC.



O(a) psicólogo(a) atuante no hospital é o profissional responsável por realizar a avaliação do estado emocional de pacientes e desenvolver intervenções psicológicas adequadas a cada caso durante o período de hospitalização (Borges, 2018). Dentre as suas práticas estão inclusas apoio psicológico e orientações em relação às dúvidas, angústias, fantasias e temores relacionados ao estado de saúde do doente, adaptação ao processo de adoecimento e hospitalização (Simonetti, 2011). Elas são direcionadas não apenas aos pacientes, mas também aos seus familiares (Borges, 2018), objetivando a criação de vínculo e a comunicação entre as famílias e a equipe (Muniz & Silveira, 2020).

Além dos cuidados ofertados aos pacientes e familiares, o(a) psicólogo(a) hospitalar também direciona suas intervenções aos membros da equipe de saúde. Suas ações são voltadas ao trabalho com as questões emocionais que impactam as vivências dos colaboradores, objetivando minimizar as resonâncias e implicações na saúde mental dos mesmos (Fauquineti, 2020). Portanto, o(a) psicólogo(a) hospitalar busca o fortalecimento da tríade família, paciente e equipe de saúde (Simonetti, 2011).

Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou o estado de contaminação pelo coronavírus como pandemia (Oliveira, 2020) e em menos de 90 dias, no mesmo ano, registrou-se a marca de mais de 210 países infectados (Matta et al., 2021). Como resultado, no mundo inteiro, o hospital intensificou-se como um *locus* de cuidado (World Health Organization [WHO], 2020). No Brasil, em 2020, obteve-se o registro de 230.452 óbitos, com vítimas em todas as regiões do país (Fundação Oswaldo Cruz [Fiocruz], 2021).

A pandemia de Covid-19 expôs os(as) psicólogos(as) hospitalares a um cenário desafiador, visto que até então não haviam registros históricos recentes sobre o enfrentamento de pandemias. Além disso, os currículos dos cursos de psicologia tendem a não discutir temáticas relacionadas às intervenções psicológicas nas emergências, desastres, morte e luto (Grinenkov, 2020).

A realidade imposta pela pandemia desencadeou reflexões sobre qual seria o lugar da psicologia hospitalar (Nascimento et al., 2021), uma vez que a orientação inicial, incluindo do Conselho Federal de Psicologia (CFP), é de que os profissionais da psicologia não tivessem contato de forma direta com pacientes contaminados pela Covid-19 (Ofício-Circular nº 40, 2020).

A frequente exposição dos(as) psicólogos(as) hospitalares à Covid-19, incluindo a possível infecção, escassas informações, ausência de direcionamentos sobre as condutas a serem seguidas, carência de materiais e instrumentos, amplificaram possíveis vulnerabilidades psicosociais, gerando impactos intensos nos trabalhadores e em suas atividades

laborais (Donato & Jaime, 2021; Weintraub et al., 2020). Tudo isso fomentou e potencializou quadros de depressão, ansiedade, síndrome de burnout, transtornos psicosomáticos e uso abusivo de substâncias ilícitas (Donato & Jaime, 2021; Organização Pan-Americana de Saúde [OPAS], 2006). Além disso, como apontam Benzoni et al. (2021) a pandemia também intensificou a percepção de estresse na população, impactando na qualidade dos relacionamentos e preocupação com a própria saúde.

Diante do exposto, percebe-se a relevância em realizar pesquisas relacionadas às vivências e práticas de psicólogos(as) hospitalares ao longo da pandemia de Covid-19, visto que esses profissionais desempenham práticas fundamentais e essenciais ao cuidado e manutenção da saúde mental nas instituições hospitalares. Considerando a referida relevância do trabalho dos(as) psicólogos(as) hospitalares e as repercussões da pandemia no trabalho desses profissionais, definiu-se como objetivo compreender como os(as) referidos(as) profissionais vivenciaram, sentiram e estruturaram suas práticas durante a pandemia de Covid-19.

MÉTODO

Trata-se de um estudo qualitativo-descritivo, que utilizou o construcionismo social e a *arts-based research* como apporte metodológico. Pesquisas dessa natureza buscam compreender as diferentes vivências dos participantes, dando condições para que suas histórias e seus sentidos se tornem visíveis nas entrevistas (Gergen & Gergen, 2010).

A pesquisa orientada pelo construcionismo social busca a identificação e valorização das diversas formas de compreensão de mundo, construídas pelos participantes de uma pesquisa científica, atentando-se ao contexto histórico-social e cultural que o participante se localiza, sendo o mesmo considerado um coparticipante da construção da pesquisa (Spink, 2013). Além disso, a pesquisa é vista como um processo relacional em que múltiplos discursos se encontram (McNamee, 2017).

Para o enriquecimento dos encontros dialógicos estabelecidos entre pesquisadora e participantes, optou-se ainda pela abordagem da *arts-based research*. A arte potencializa a descrição das experiências em relação aos fenômenos que circundam a vida, auxilia na produção de sentidos, abre espaço para a espontaneidade e é uma ferramenta que permite a expansão das possibilidades conversacionais de pesquisadores e participantes (Leavy, 2015).

A pesquisa foi desenvolvida em um Hospital geral universitário que oferece serviços gratuitos no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), localizado em Minas Gerais. O referido Hospital, no período da realização da pesquisa, possuía 301

leitos ativos, sendo 25 leitos para o pronto-socorro, 20 leitos para UTI infantil, 10 leitos para UTI adulto e 10 de UTI coronária, além de 14 salas destinadas à cirurgia. Também possuía cinco anexos, compostos por ambulatórios de especialidades e pediatria, centro de reabilitação e central de quimioterapia, totalizando 180 consultórios. É responsável por atender 27 municípios que compõem a sua macrorregião oferecendo atendimento de alta complexidade.

Foram convidados a participar do estudo todas as 10 psicólogas atuantes no Hospital, houve o aceite de 9 delas. Todas as participantes haviam realizado ao menos um atendimento psicológico entre os meses de maio a dezembro de 2020. Esse intervalo foi escolhido considerando que, a partir do mês de maio já havia sido decretado pela OMS o estado pandêmico, ocorrido em março de 2020, e, dezembro, foi o mês anterior à chegada da primeira vacina ao Brasil.

Em um momento inicial a pesquisadora participou de uma reunião com a psicóloga referência técnica do serviço de psicologia do referido hospital para apresentação do projeto, explicação dos objetivos do estudo e alinhamento da entrada em campo. Em um segundo momento, após a aprovação do estudo pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (CAAE: 44738721.9.0000.5154; Parecer de aprovação nº: 4.667.698), a primeira autora reuniu-se com o núcleo de psicologia para apresentar o estudo, sanar supostas dúvidas e realizar o convite às participantes.

Após o aceite das 9 participantes, a pesquisadora agendou as entrevistas em dia e horário confortável para ambas as partes. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi enviado por meio de um formulário eletrônico (*Google Forms*) para a leitura antes do início das entrevistas. A fim de resguardar o anonimato das participantes optou-se por atribuir nomes fictícios às mesmas, que não possuem ligação com os nomes reais.

As entrevistas ocorreram individualmente e de forma remota por meio de TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação), com auxílio da plataforma Google Meet, visando preservar a integridade de todas as partes envolvidas devido ao risco sanitário ocasionado pela pandemia de Covid-19. Todas as entrevistas foram gravadas, e tiveram duração média de 50 minutos.

Para a realização das entrevistas utilizou-se um roteiro semiestruturado elaborado previamente, composto por questões sobre dados sociodemográficos e perguntas norteadoras, que visavam identificar como as profissionais vivenciaram, sentiram e estruturaram suas práticas após a chegada da pandemia de Covid-19. As perguntas efetuadas foram: 1. Como foi para você se perceber psicólogo(a) hospitalar em meio à pandemia da COVID-19? 2. As suas práticas de

trabalho mudaram com a chegada da pandemia? Em caso afirmativo, por favor, conte-me como as suas práticas foram adaptadas ao longo da pandemia da Covid-19; 3. Descreva, por favor, como foi o processo de adaptação para a utilização dos recursos de EPI durante os atendimentos; 4. Você percebeu dificuldades ao realizar os atendimentos psicológicos durante pandemia da COVID-19?; 5. Você identificou aprendizagens profissionais e/ou pessoais em você durante os atendimentos realizados na pandemia da Covid-19?; 6. Atualmente, quais são as suas percepções em relação aos atendimentos psicológicos fornecidos por você ao longo da pandemia da Covid-19?; 7. Você considera que ocorreram transformações em você enquanto pessoa e/ou enquanto profissional quando comparado ao período anterior à pandemia?

Ao final das entrevistas foram apresentadas três figuras de autoria de Frida Kahlo: "Coluna Partida (1944); As Duas Fridas (1939) e A Árvore da Esperança (1946)" (Kahlo, 2023), visando proporcionar um momento de identificação e reflexão sobre as atividades laborais exercidas ao longo do período pandêmico. As figuras foram apresentadas como um instrumento disparador e ampliador de conversas entre pesquisadora e participantes (Leavy, 2015).

Frida Kahlo (1907- 1954) foi uma artista nascida no México e suas obras são marcadas pela imensa expressão do interior humano em diversos sentidos. A artista experienciou ao longo da sua vida várias perdas e passou por diversos processos de adoecimento, causando-lhe contato com tratamentos invasivos e longos períodos de hospitalização. Suas obras apresentam um olhar atravessado por dores e tristezas, concomitante a sentimentos de esperança e reflexão sobre a vida (Levinzon, 2009).

A escolha das obras visou o maior enriquecimento possível dos dados construídos nas entrevistas, e uma maior aproximação com o contexto vivido pelas participantes da pesquisa (Ferreira, 2022). Seguem, a seguir, as figuras utilizadas durante as entrevistas.

A análise de dados deu-se a partir da transcrição na íntegra das entrevistas e das falas relacionadas às figuras, seguida pela leitura flutuante, exaustiva e curiosa (McNamee, 2017; Spink, 2013) do corpus. A leitura da transcrição das entrevistas e das falas relacionadas às figuras foi realizada de maneira conjunta visando possibilitar a visibilidade da riqueza dos relatos compartilhados pelas participantes, possibilitando, assim, a construção de temáticas. Posteriormente, as temáticas foram analisadas, ancoradas em publicações científicas e relatórios técnicos, relacionados ao trabalho dos profissionais de saúde durante a pandemia de Covid-19.

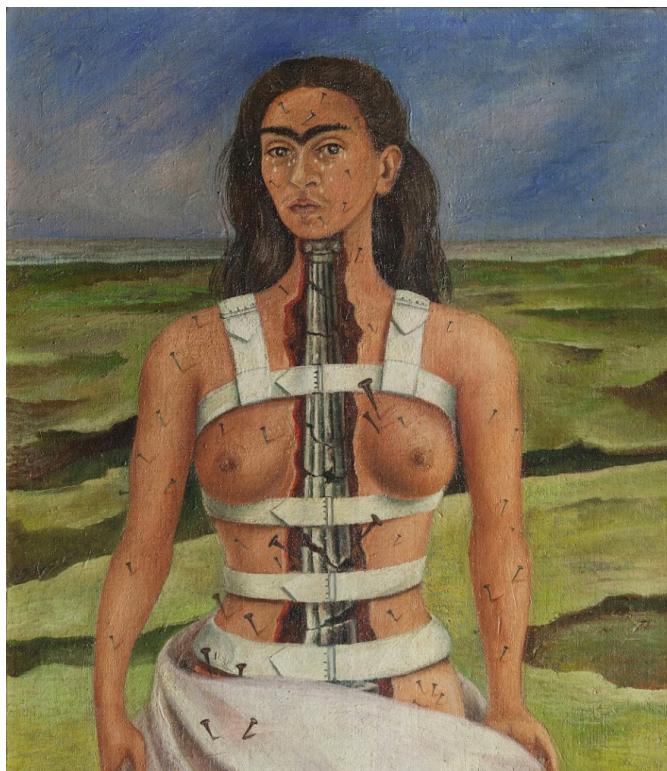


Figura 1: *Coluna Partida* (Frida Kahlo, 1944)

Nota. Fonte: <https://www.museofridakahlo.org.mx/wp/wp-content/uploads/2022/05/87.jpg>



Figura 3: *A Árvore da Esperança* (Frida Kahlo, 1946)

Nota. Fonte: <https://www.museofridakahlo.org.mx/wp/wp-content/uploads/2022/05/94.jpg>



Figura 2: *As Duas Fridas* (Frida Kahlo, 1939)

Nota. Fonte: <https://www.museofridakahlo.org.mx/wp/wp-content/uploads/2022/05/67.jpg>

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As nove participantes do estudo foram denominadas por: Antônia, Daniela, Joana, Juliana, Maria, Olga, Paula, Raquel e Solange, tinham média de idade de 41 anos, eram do gênero feminino, quatro delas solteiras, quatro casadas e uma divorciada, cinco não declararam religião, e dentre as outras quatro, duas eram espíritas, uma católica e uma messiânica. Sobre o grau de escolaridade, todas possuíam pós-graduação, sendo três delas com o título de mestrado e duas com o título de doutorado. O tempo médio de formação das psicólogas era de 18 anos e o tempo médio de atuação como psicólogas atuantes em hospitais era de quatro anos e quatro meses.

As temáticas construídas para responder os objetivos do estudo foram intituladas por (1) repercussões desencadeadas pela chegada da pandemia de Covid-19 e (2) práticas construídas: possibilidades e readaptações. A seguir, apresentamos e discutimos seu conteúdo.

REPERCUSSÕES DESENCADEADAS PELA CHEGADA DA PANDEMIA DE COVID-19

Nesta temática, são apresentadas como as psicólogas perceberam suas vivências e os sentimentos decorrentes, levando em consideração a prática assistencial influenciada

pela chegada da pandemia de Covid-19. Todo esse processo foi marcado por incerteza e sofrimento.

As psicólogas relataram sobre o sentimento de insegurança e a sensação de não saber devido ao surgimento de um novo contexto de trabalho dentro do hospital, desencadeado pela pandemia. “Gerou bastante insegurança (...) eu me senti um pouco perdida, porque era um contexto novo (...) por um lado você é profissional, você atua com os pacientes, mas por outro lado você também tá imerso” (Maria); “(...) a gente ainda tinha poucas informações e muitas, muitas hipóteses, então você não sabia como que era, como que seria contaminação, como que seria a gravidade dos casos, então foi um começo mais assustador” (Solange); “(...) a gente ficou muito temerosas, até porque a gente não tinha dimensão, né, do problema (...) ninguém tava preparado (...)” (Daniela).

Maria, Solange e Daniela parecem recuperar em suas falas a experiência que profissionais hospitalares enfrentam em contextos permeados de dor e sofrimento. Essas situações, em diversos momentos, podem causar ou potencializar a sensação de ineficácia, revolta e frustração (Kovács, 2010).

O medo por atuar em uma instituição hospitalar no início da pandemia foi verbalizado por várias entrevistadas. “Então, inicialmente, o medo do desconhecido mesmo e por estar em um lugar de alto risco (...), levou um tempinho para as coisas, se aquietarem” (Paula); “(...) estar com medo, era difícil saber quais era as reações proporcionais a uma doença que a gente ainda não conhecia (...) então tá dentro de um hospital, quando todas as outras pessoas ‘tão orientadas a ficar em lockdown, é surreal’ (Solange); “O primeiro momento foi um tanto quanto desesperador, da gente não saber o que que vinha, né, várias perspectivas, assim, um tanto quanto assustadoras (...)” (Raquel). Além do medo de contaminar outras pessoas “(...) pra mim, foi pesado essa sensação de que eu poderia ser a responsável por contaminar os outros, né, então, por muitos meses eu estava em estado de alerta total” (Solange).

O medo associado à Covid-19 relatado por Paula, Solange e Raquel é um sentimento que pode representar risco para o bem-estar psicológico de algumas pessoas (Asmundson & Taylor, 2020; Carvalho et al., 2020). Contudo, foi um sentimento constante e real na rotina das profissionais, chamando a atenção para os agravos ocupacionais gerados pela exposição dos trabalhadores (Rocha et al., 2020).

Faquineti (2020) aponta que a atuação ao longo da pandemia obrigou muitos profissionais a distanciarem-se e, em vários momentos, até se isolarem das suas famílias e amigos, frente ao perigo da contaminação. Viam-se profissionais inseridos em longas jornadas, atravessadas pelo medo do desconhecido e da exaustão física e emocional. Fora um período marcado pela batalha contra uma doença que avançava de forma descontrolada e desconhecida. A preocupação dos pro-

fissionais de saúde em relação à propagação da doença e o medo em ser agente transmissor de Covid-19, concomitante à falta de segurança em relação ao seu bem-estar e de seus familiares, são grandes causadores de ansiedade nesses trabalhadores (Cai et al., 2020). Assim como relatado por Paula: “o medo principalmente de se contaminar ou de levar pra casa, que é um medo recorrente até hoje” (Paula).

Solange fez uma reflexão sobre como a chegada da pandemia, atrelada à ausência de diretrizes sobre qual seria a função da psicologia hospitalar, gerou a sensação de não pertencimento e reconhecimento das profissionais perante o restante da equipe. “(...) teve gente que entendia que a gente não teria um papel no meio da crise (...) minha sensação era de eu querer tá junto com a minha equipe (...) essa foi a minha primeira vontade, mas também de se perceber muito impotente (...)” (Solange). Olga, também relatou sobre a dificuldade em sentir-se pertencente à instituição hospitalar, mesmo reconhecendo a importância da sua atuação, “(...) acho que estar aqui, é muito ambivalente, não é meu lugar e ao mesmo tempo é muito necessário o que eu faço aqui (...)” (Olga).

Apesar da sensação de insegurança e impotência, as profissionais expressaram a importância de estar no hospital durante a pandemia, buscando construir e delimitar seu papel concomitante ao trabalho realizado. “(...) eu adoro, amo o que eu faço, o público que eu atendo, então, né, as mulheres, eu gosto muito, principalmente do lugar que eu estou, tem tudo a ver comigo (...)” (Paula); “a maioria que a gente tem atendido, eles não têm ou não pode receber visita (...), muitas vezes, eu sou a única referência ali pro paciente, eu intermedio um contato com a família (...) você vê que pra pessoa faz toda diferença (...)” (Daniela).

Com o avanço da pandemia, pode-se perceber o crescimento de vulnerabilidades sociais, sofrimentos psicossociais e debilidades emocionais na população em geral, e os(as) psicólogos(as) hospitalares foram os profissionais responsáveis por acolher as demandas emocionais, como medo, angústia e desespero daqueles que necessitavam de acolhimento e escuta qualificada e atuavam nas instituições hospitalares (Branco & Arruda, 2020; Donato & Jaime, 2021). Diante da nova realidade, tornou-se imprescindível a oferta de cuidados voltados para a manutenção da saúde mental dos profissionais da saúde, buscando minimizar a ansiedade, o medo e o estresse decorrentes de suas jornadas de trabalho (Faquineti, 2020).

A atuação no hospital durante a pandemia fez com que algumas profissionais refletissem também sobre a sua relação com a instituição e a profissão. “(...) de uma maneira geral, eu penso que a pandemia, deixa marcas na gente (...) às vezes, um corpo que tá sendo usado, pra desempenhar alguma questão, né, (Juliana); (...) de como o hospital nos trata, (...) de como máquinas, de não ter um olhar para a subjetividade dos

profissionais (...) eu não vejo também a valorização do profissional, na verdade, foi um período com muitas perdas, pra muitos setores". (Juliana); "o papel de psicólogo apagador de fogo, para mim, é desgastante e ao mesmo tempo a briga por não ser só psicólogo apagador de fogo, é cansativa, não são coisas que tão dadas dentro do hospital" (Solange).

Avellar (2011) chama a atenção para o lugar ocupado pela psicologia hospitalar antes mesmo da chegada da pandemia, sinalizando os impasses diários que os(as) psicólogos(as) já enfrentavam, como a desvalorização ou falta de conhecimento da sua função no hospital, demandas para "apagar incêndios", assim como sinalizado pela participante Solange, além de dificuldades em respeitar o momento de intervenção do(a) psicólogo(a), dentre outros. A autora também aponta sobre a problemática do quanto a desvalorização profissional impacta nas relações dentro da equipe.

PRÁTICAS CONSTRÚIDAS: POSSIBILIDADES E READAPTAÇÕES

Nesta temática são apresentadas as práticas que as psicólogas hospitalares construíram, desenvolveram e adaptaram, tendo em vista as possibilidades e limitações impostas pela pandemia de Covid-19. Nesse contexto, algumas atividades, consideradas pela instituição como não essenciais, tiveram que ser suspensas (Catunda et al., 2020; Lima et al., 2020). "... eu tive que deixar de atender todos os grupos que eu tinha, porque são pessoas com comorbidades, numa sala fechada, de 10 a 12 pacientes de várias cidades, o risco é muito grande (...)" (Antônia). A falta de direcionamentos em relação às condutas adotadas pelas psicólogas dentro do hospital, reforçaram a sensação de insegurança. "... pensando nas condutas, o que era possível fazer? Porque não existia nenhum protocolo (...), não existia nada que norteasse, então gerou muita insegurança no início". (Maria); "... no começo, não só no começo, na verdade, durante um bom tempo a gente ficou bastante confusa, assim, sobre o que fazer (...) as orientações eram muito confusas, pouco específicas, algumas até um pouco contraditórias (...)" (Olga).

Outra atividade comumente praticada e que precisou ser interrompida foram as buscas ativas, nas quais os profissionais abordavam os pacientes hospitalizados nos seus leitos e ofereciam o serviço de psicologia. "Era tudo muito inicial, e aí, teve uma ruptura na verdade, nos nossos trabalhos, (...) a gente passou a ficar mais dentro da sala, respondia só os chamados, não ia espontaneamente fazer busca ativa, foi muito desafiador, foi muito confuso também (...)" (Olga); "... porque o psicólogo hospitalar, circula muito, não só no âmbito da sua clínica (...) a questão da busca ativa, houve essa orientação pra que a gente esperasse um pouco, pra reestruturar isso e que a gente atendesse só por interconsulta (...)" (Paula).

As visitas dos familiares aos pacientes hospitalizados,

acompanhadas pelo serviço de psicologia, também restringiram-se aos casos de extrema necessidade, impactando diretamente nas intervenções das psicólogas. "Porque as visitas foram proibidas, acompanhante, só aquelas pacientes que não têm condição realmente de ficarem sozinhas, e isso restringe um pouco nosso trabalho (...)" (Antônia); "Os protocolos, da não visita, do não acompanhante, agravou uma situação que já era difícil, estar em meio a tudo isso, fazendo ponte, entre os protocolos, manejo do paciente em pandemia, com as questões da suscetibilidade emocional foi muito difícil" (Joana).

Maria e Olga recuperam outros estudos (Pappa et al., 2020; Sun et al., 2020) ao afirmarem que o contexto imposto pela chegada da pandemia foi marcado e atravessado por uma permanente ausência de direcionamentos e orientações em relação ao trabalho, ocasionando medo e insegurança nos profissionais. Weintraub et al. (2020) e Donato e Jaime (2021) apontam como a exposição constante dos(as) psicólogos(as) hospitalares à escassez de direcionamentos pode intensificar vulnerabilidades psicosociais previamente existentes.

As visitas hospitalares também foram reconfiguradas, principalmente frente ao distanciamento determinado pelo coronavírus. "... a visita virtual que a gente não tinha isso, é um aprendizado novo" (Antônia); "... a questão desse atendimento telefônico, esse teleatendimento, apesar da gente não ter uma estrutura adequada, a gente faz assim, conforme o possível (...)" (Daniela); "passou a ter mais atendimento por telefone, que antes eu não fazia, então, agora nos casos que eu vejo que tem possibilidade, que tem demanda estou fazendo" (Solange).

Portanto, as psicólogas viabilizaram o contato virtual entre pacientes e familiares, concomitante ao manejo da sensação de desamparo apresentada pelos pacientes ao longo do período pandêmico. Além disso, atuaram no auxílio da elaboração dos sentimentos e pensamentos desenvolvidos pela experiência da internação durante a pandemia (Pereira & Penido, 2010; Resolução nº 4, 2020).

As psicólogas hospitalares, ao perceberem também as fragilidades apresentadas pelos colegas atuantes na instituição, construíram estratégias para realizar intervenções com os trabalhadores. "O início, com o serviço, ele começou a trazer muito uma perspectiva do trabalho com os profissionais de saúde (...) a gente até então era profissional voltado para o paciente e naquele momento a gente mudou o foco, para os profissionais (...)" (Maria); "a gente optou por uma demanda que tava surgindo muito e que não tinha atenção, que era os colaboradores, então, no começo da pandemia, a gente ficou muito voltada pra essas pessoas, não tanto pra questão dos pacientes (...)" (Daniela).

Os grupos com os colaboradores da instituição parecem ter se mostrado uma potente estratégia de acolhimento e es-

cuta em tempos marcados por sofrimentos tão emergentes e severos. Chen et al. (2020) demarcam a importância das intervenções psicológicas para a melhoria da promoção de saúde e prevenção de agravos psicológicos nos trabalhadores da saúde.

O acolhimento oferecido aos profissionais ocorreu por meio de grupos abertos a todos os profissionais da instituição e realizados em um local amplo e arejado do hospital. Os encontros aconteciam por demanda espontânea dos profissionais, as psicólogas se dividiam em duplas e aguardavam a procura pelo serviço. Os grupos ocorriam nos três turnos - manhã, tarde e noite com o intuito de possibilitar maior participação. "Os grupos eram abertos, a gente convidava os profissionais a irem conversar com a gente, de uma forma aberta e acolhedora (...), eram grupos de acolhimento e não tinha número, a gente limitava o número de participantes, mas assim, por causa da pandemia (...)" (Raquel); "... a gente construiu a estratégia de fazer atendimentos em grupos, em local aberto, oferecendo esse cuidado em saúde mental pra esses profissionais de saúde, (...) esses grupos foram acontecendo, nos 3 períodos abarcando todos os plantões" (Paula).

Portugal et al. (2020) chamam a atenção para as tensões ocasionadas pelas verberações oriundas da pandemia e a importância de os profissionais de saúde serem acolhidos pelas instituições em relação às suas dificuldades e sofrimentos. Em seu trabalho, Borloti et al. (2020) enfatizam que os profissionais de todas as escolaridades, gêneros e idades constataram adversidades decorrentes desse período, demonstrando a importância de intervenções para minimizar as repercussões ocasionadas pela pandemia.

Mesmo havendo a necessidade de um espaço de acolhimento e escuta, os grupos abertos aos profissionais não tiveram muita adesão, devido a isso, as psicólogas começaram a oferecer grupos em setores específicos do hospital para viabilizar a participação dos profissionais. "Os grupos 'in loco' ocorriam concomitante aos grupos abertos, que nunca deixou de ser oferecido. (...) a gente começou a oferecer esses grupos em setores específicos também (...)" (Olga); "... tinham locais que os funcionários não podiam sair, aí a gente foi in loco, (...) o feedback que deram pra gente do quão foi importante, principalmente no início da pandemia e nós varremos o hospital inteiro, contemplamos todos os turnos (...)" (Daniela).

As psicólogas, ao coordenarem os grupos, identificaram-se com as temáticas apresentadas pelos participantes durante sua realização. "... super delicado, porque a gente tava tratando de coisas que a gente também tava passando e sentindo, então, é aquele dia que você quer chorar junto com as pessoas (...)" (Solange); "porque a gente conduziu os grupos, mas a gente tava sentindo coisas muito parecidas, porque a gente também estava em pandemia, a gente também estava dentro

de um hospital, então, não tinha como não passar por coisas que eram nossas (...)" (Olga).

As reflexões apresentadas por Solange e Olga parecem apontar para a inquietação relacionada a quem cuida do cuidador, ou seja, quem poderia cuidar das profissionais de psicologia enquanto elas promoviam acolhimento para os pacientes, seus familiares e os profissionais da instituição de saúde? Sobre isso, Olga enfatiza o quanto a união da equipe de psicologia se fez importante ao longo desse período "... das construções que a gente tem feito, do quanto que a gente tem contado uma com a outra, nesse momento, sempre foi assim, mas, acho que tem ficado cada vez mais necessário e consistente, esse apoio (...)" (Olga).

Tendo em vista o novo cenário desencadeado pela pandemia, fez-se necessário buscar por novas instrumentalizações em relação à atuação do(a) psicólogo(a) nessa conjuntura. A oferta de cursos que ajudaram as profissionais a se organizarem e se situarem diante do contexto pandêmico se mostrou um importante instrumento de empoderamento, visto que temáticas que envolviam momentos de crises e primeiros cuidados psicológicos auxiliaram na reflexão sobre o que era possível ser realizado naquele momento. "... logo a princípio a gente teve um curso, de primeiros cuidados psicológicos e também um curso da Fiocruz sobre a atuação do psicólogo hospitalar que nos auxiliou muito. Então, isso ajudou a gente se tranquilizar, saber que tava no caminho" (Daniela).

Com a chegada da pandemia a utilização de EPIs, que já era comum em alguns setores do hospital, tornou-se algo fundamental também, pois o uso correto diminuía a probabilidade de contaminação própria e contaminação da equipe, e os materiais passaram a ser de uso essencial e obrigatório para a realização das práticas dentro do Hospital. Sobre os EPIs, as participantes chamaram a atenção para a dificuldade de acesso a materiais básicos, bem como nas tomadas de decisões em relação às ações e intervenções realizadas durante a pandemia "... muito pouco inserida na instituição mesmo, sabe? (...) então, de não ser levada em conta, de às vezes ter que brigar por coisas muito básicas (...) pra gente atuar, de não ser chamada para reuniões da do enfrentamento de Covid (...)" (Solange); "o ano passado, ali de março a maio, foi mais complicado nesse sentido, né, vai ter EPI para gente? Então, a gente ficou um pouco assim, bem sem direcionamento mesmo" (Daniela).

A pandemia afetou demasiadamente na produção e no fornecimento de equipamentos de proteção individual, devido à diminuição da fabricação de insumos e ao acréscimo no consumo desses produtos, interferindo diretamente na prática dos profissionais da saúde (Fauquineti, 2020). Diante desse cenário, é imprescindível ressaltar sobre a obrigatoriedade dos serviços em fornecer capacitações para todos os profissionais que trabalham no âmbito da saúde, visando à prevenção da

transmissão de agentes infecciosos, bem como o acesso, uso correto e seguro dos EPI's (Rodrigues & Silva, 2020).

Com a extensão do período pandêmico, a instituição hospitalar ofertou treinamentos para as profissionais da psicologia se instrumentalizarem sobre a forma correta e a importância da utilização dos EPIs. “(...) disponibilizou treinamentos, onde a gente em grupos pequenos, além de ter a prática da leitura, recebeu a cartilha e a gente teve as aulas práticas, de paramentação e desparamentação, então, a gente teve que aprender primeiro, a importância desse cuidado (...)” (Joana); “A gente já utiliza, né, em questões de isolamento de contato, isolamento de aerossol, já utilizava (...) a gente teve alguns cursos, umas aulas, pra nos auxiliar e teve também, alguns vídeos, mas, eu acredito que esse primeiro contato, com o pessoal da UTI, foi o que nos deu mais segurança, né?” (Daniela).

O acesso a treinamentos e equipamentos de segurança individual, além de serem importantes para a realização do trabalho dentro do hospital, influenciam na saúde mental dos profissionais. Os mesmos, quando fornecidos de forma segura, tornam-se importantes contribuintes para a propagação de resiliência e bem-estar em relação ao local de trabalho (Chew et al., 2020). Além disso, a aplicação de ações competentes de biossegurança e disponibilização de tecnologias, também se mostram importantes na promoção e manutenção da saúde física e mental dos colaboradores (Moraes et al., 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O reconhecimento da Covid-19 pela OMS, em 2020, como pandemia, despertou incertezas e sofrimento nas participantes do estudo. O susto inicial e o medo de se contaminarem, bem como o medo quanto ao futuro, acompanhados por insegurança, impotência, desejo de ajudar e sensação de não pertencimento à instituição, participaram do cotidiano das entrevistadas. Em meio a esses sentimentos e à falta inicial de protocolos quanto a como agirem, as psicólogas foram exigidas a adaptarem suas práticas de trabalho, tais como a busca ativa de pacientes, a visita virtual, a realização de grupos destinados às equipes de saúde e o uso dos EPIs.

Contudo, mesmo em meio ao cenário desafiador imposto, as profissionais buscaram promover ações de acolhimento e escuta qualificada, visando oferecer cuidado em saúde mental aos profissionais, pacientes e familiares. Além disso, não deixaram de praticar o autocuidado, presente em todos os momentos de identificação com o sofrimento dos profissionais de saúde que cuidaram.

Afirma-se, portanto, que é de suma importância que haja uma maior valorização da atuação da psicologia hospitalar frente a todos os desafios que atravessam sua prática, pois, o(a) psicólogo(a) hospitalar parece ainda não possuir um lugar

de destaque nas equipes que compõe. E, diante do cenário desencadeado pela pandemia de Covid-19, fica evidente o quanto indispensável é contar com um profissional qualificado para promover ações que visem o cuidado em saúde mental para além dos momentos de crise.

Apesar da relevância e atualidade deste estudo, ele apresenta algumas limitações relacionadas a ter sido realizado em um hospital público universitário e que não era referência para o tratamento da Covid-19 no período em que a pesquisa foi realizada. Dessa forma, sugere-se a realização de estudos que investiguem trabalhadores de outras categorias profissionais atuantes em outros serviços e instituições, inclusive privadas.

DECLARAÇÃO DA CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES:

B.A.B.M. contribuiu com a conceitualização, investigação, redação (preparação do rascunho inicial, revisão e edição); C.B.F. contribuiu com a conceitualização, investigação, redação (revisão e edição) e supervisão.

AGRADECIMENTOS:

As autoras agradecem a Universidade Pública Federal pela oportunidade e viabilidade da realização do estudo, assim como a todas as participantes que se disponibilizaram a compartilhar as suas vivências, possibilitando o enriquecimento e disseminação das informações coletadas.

REFERÊNCIAS

- Asmundson, G. J. G., & Taylor, S. (2020). Coronaphobia: fear and the 2019-nCoV outbreak. *Journal of Anxiety Disorders*, 70, 102196. <http://dx.doi.org/10.1016/j.janxdis.2020.102196>
- Avellar, L. Z. (2011). Atuação do psicólogo nos hospitais da Grande Vitória/ES: uma descrição. *Psicologia em Estudo*, 16(3), 491-499.
- Benzoni, P. E., Octaviano, T. S. C., & Cruz, A. C. (2021). Impactos da pandemia da COVID-19 na percepção de estresse e estressores em diferentes estágios do ciclo de vida. *Interação em Psicologia*, 25(2), 192-204. <http://dx.doi.org/10.5380/riep.v25i2.76404>
- Borges, A. (2018). A relevância da atuação do psicólogo face ao paciente crítico/cirúrgico e família. *Psicologia.pt*, 01-15. <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1260.pdf>
- Borloti, E., Haydu, V. B., Kienen, N., & Zacarin, M. R. J. (2020). Saúde mental e intervenções psicológicas durante a pandemia da COVID-19: um panorama. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 16(1), 21-30. <http://dx.doi.org/10.18542/rebac.v16i1.8885>

- Branco, A. B. A. C., & Arruda, K. D. S. A. (2020). Atendimento psicológico de pacientes com Covid-19 em desmame ventilatório: proposta de protocolo. *Revista Augustus*, 25(51), 335-356. <https://doi.org/10.15202/1981896.2020v25n51p335>
- Cai, H., Tu, B., Ma, J., Chen, L., Fu, L., Jiang, Y., & Zhuang, Q. (2020). Psychological impact and coping strategies of frontline medical staff in hunan between january and march 2020 during the outbreak of coronavirus disease 2019 (covid-19) in Hubei, China. *Medical science monitor: international medical journal of experimental and clinical research*, 26, e924171. <https://doi.org/10.12659/MSM.924171>
- Carvalho, P. M. M., Moreira, M. M., Oliveira, M. N. A., Landim, J. M. M., & Rolim Neto, M. L. (2020). The psychiatric impact of the novel coronavirus outbreak. *Psychiatry Research*, 286, e112902. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2020.112902>
- Catunda, M. L., Porto, A. B., Souza, C. B., Nardino, F., Santos, L. N. A., Lima, M. E. G., & Araújo, V. S. (2020). Humanização no hospital: atuações da psicologia na Covid-19. *Cadernos ESP - Revista Científica da Escola de Saúde Pública do Ceará*, 14(1), 143-147. <https://cadernos.esp.ce.gov.br/index.php/cadernos/article/view/376/228>
- Chen, Q., Liang, M., Li, Y., Guo, J., Fei, D., Wang, L., He, L., Sheng, C., Cai, Y., Li, X., Wang, J., & Zhang, Z. (2020). Mental health care for medical staff in China during the COVID-19 outbreak. *The Lancet Psychiatry*, 7(4), e15-e16. [https://doi.org/10.1016/S2215-0366\(20\)30078-X](https://doi.org/10.1016/S2215-0366(20)30078-X)
- Chew, N.W. S., Lee, G. K. H., Tan, B.Y. Q., Jing, M., Goh, Y., Ngiam, N. J. H., Yeo, L. L. L., Ahmad, A., Khan F. A., Shanmugam, G. N., Sharma, A. K., Komalkumar, R. N., Meenakshi, P. V., Shaf, K., Patel, B., Chan, B. P. L., Sunny, S., Chandra, B., Ong, J. J. Y., Paliwal, P. R., Wong, L. Y. H., Sagayananthan, R., Chen, J. T., Ng, A. Y. Y., Teoh, H. L., Tsivgoulis, G., Ho, R.C., & Sharma, V. K. (2020). A multinational, multicentre study on the psychological outcomes and associated physical symptoms amongst healthcare workers during COVID-19 outbreak. *Brain, Behavior, and Immunity*, 88, 559-565. <https://doi.org/10.1016/j.bbi.2020.04.049>
- Donato, A. N., & Jaime, A. F. C. C. (2021). Atuação do psicólogo no ambiente hospitalar em tempos de pandemia: acolhimentos aos profissionais e colaboradores da saúde – Relato de experiência. *Health Residencies Journal*, 2(12), 210-219. <https://doi.org/10.51723/hrj.v2i12.210>
- Faquineti, M. E. T. (2020). Covid-19: experiência enquanto profissional da Psicologia na linha de frente. *CadernoS de PsicologiaS*, (1^a ed). Conselho Regional de Psicologia do Paraná. <https://cadernosdepsicologias.crppr.org.br/covid-19-experiencia-enquanto-profissional-da-psicologia-na-linha-de-frente/>
- Ferreira, C. B. (2022). Construindo dados com as artes. In Barroso, S. M. (Org.), *Pesquisa em Psicologia e Humanidades: métodos em contextos contemporâneos*. Vozes.
- Fundação Oswaldo Cruz. (2021). *Monitora Covid-19*. <https://bigdata-covid19a.icict.fiocruz.br/>
- Gergen, K. J., & Gergen, M. (2010). *Construcionismo social: um convite ao diálogo*. Instituto Noos.
- Grincenkov, F. R. (2020). A psicologia hospitalar e da saúde no enfrentamento do coronavírus: necessidade e proposta de atuação. *Hu Revista*, 46, 1-2. <https://doi.org/10.34019/1982-8047.2020.v46.30050>
- Kahlo, F (1939). As Duas Fridas (Pintura). *Museo Frida Kahlo, Cidade do México*, México. <https://www.museofridakahlo.org.mx/wp/wp-content/uploads/2022/05/67.jpg>
- Kahlo, F (1944). Coluna Partida (Pintura). *Museo Frida Kahlo, Cidade do México*, México. <https://www.museofridakahlo.org.mx/wp/wp-content/uploads/2022/05/87.jpg>
- Kahlo, F (1946). A Árvore da Esperança (Pintura). *Museo Frida Kahlo, Cidade do México*, México. <https://www.museofridakahlo.org.mx/wp/wp-content/uploads/2022/05/94.jpg>
- Kovács, M. J. (2010). Sofrimento da equipe de saúde no contexto hospitalar: cuidando do cuidador profissional. *O mundo da saúde*, 34(4), 420-429. http://www.saocamilo-sp.br/pdf/mundo_saude/79/420.pdf
- Leavy, P. (Ed.) (2015). *Handbook of arts-based research*. Guilford Press.
- Levinzon, G. K. (2009). Frida Kahlo: a pintura como processo de busca de si mesmo. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 43(2), 49-60.
- Lima, C. K. T., Carvalho, P. M. M., Lima, I. A. A. S., Nunes, J. V. A. O., Saraiva, J. S., Souza, R. I., Silva, C. G. L., & Rolim Neto, M. L. (2020). The emotional impact of Coronavirus 2019-nCoV (new Coronavirus Disease). *Psychiatry Research*, 287, e112915. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2020.112915>
- Matta, G. C., Rego, S., Souto, E. P., & Segata, J. (Orgs.). (2021). *Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia*. Observatório Covid 19, Editora Fio Cruz.
- McNamee, S. (2017). Pesquisa como construção social: investigação transformativa. In M. A. Grandesso (Org.), *Práticas colaborativas e dialógicas em distintos contextos e populações: um diálogo entre teoria e práticas* (pp. 459-481). Editora CRV.
- Moraes, E. B., Sanchez, M. C. O., Valente, G. S. C., Souza, D. F., & Nassar, P. R. B. (2020). Safety of health professionals in COVID-19 times: a reflection. *Research, Society and Development*, 9(7), e134973832. <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i7.3832>
- Muniz, M. S., & Silveira, B. B. (2020) Atuação da psicologia em unidades de terapia intensiva. *Revista Mosaico*, 11(2), 95-100. <https://doi.org/10.21727/rm.v11i2.2256>
- Nascimento, L. M. S., Rodrigues, C. R., & Lacerda, R. M. (2021). Elaboração de um procedimento assistencial, em psicologia hospitalar, no contexto da pandemia do COVID 19. *Revista de Ensino, Ciência e Inovação em Saúde*, 2(1), 69-74. <https://doi.org/10.51909/recis.v2i1.53>

- Ofício-Circular nº 40/2020/GTec/CG-CFP. (2020, 23 março). Carta de Recomendações sobre Coronavírus do Conselho Federal de Psicologia. *Conselho Federal de Psicologia*. https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2020/03/SEI_CFP-0214041-Of-C3%ADcio-Circular_.pdf
- Oliveira, P. I. (2020, março). Organização Mundial da Saúde declara pandemia de coronavírus. *Agência Brasil*. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-03/organizacao-mundial-da-saude-declara-pandemia-de-coronavirus>
- Organização Pan-Americana da Saúde (2006). *Proteção da saúde mental em situações de epidemias*. Unidade de Saúde Mental, de Abuso de Substâncias, e Reabilitação, Tecnologia e Prestação de Serviços de Saúde. <https://www3.paho.org/hq/dmdocuments/2009/Protecao-da-Saude-Mental-em-Situaciones-de-Epidemias-Portugues.pdf>
- Pappa, S., Ntella, V., Giannakas, T., Giannakoulis, V. G., Papoutsi, E., & Katsaounou, P. (2020). Prevalence of depression, anxiety, and insomnia among healthcare workers during the COVID-19 pandemic: a systematic review and meta-analysis. *Brain, Behavior, and Immunity*, 88, 901-907. <https://doi.org/10.1016/j.bbi.2020.05.026>
- Pereira, F. M., & Penido, M. A. (2010). Aplicabilidade teórico-prática da terapia cognitivo comportamental na psicologia hospitalar. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 6(2), 189-220. <https://doi.org/10.5935/1808-5687.20100021>
- Portugal, J. K. A., Reis, M. H. S., Barão, E. J. S., Souza, T. T. G., Guimarães, R. S., Almeida, L. S., Pereira, R. M. O., Freire, N. M., Germano, S. N. F., & Garrido, M. S. (2020). Percepção do impacto emocional da equipe de enfermagem diante da pandemia de COVID-19: relato de experiência. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 46, e3794. <https://doi.org/10.25248/reas.e3794.2020>
- Resolução nº 4. (2020, 26 março). Dispõe sobre regulamentação de serviços psicológicos prestados por meio de Tecnologia da Informação e da Comunicação durante a pandemia do COVID-19. *Conselho Federal de Psicologia*.
- Rocha, M. E., Freire, K. P., Reis, W. P. D., Vieira, L. T. Q., & Sousa, L. M. (2020). Fatores que ocasionam o índice de transtornos depressivos e de ansiedade em profissionais de enfermagem: uma revisão bibliográfica. *Brazilian Journal of Development*, 6(2), 9288-9305. <https://doi.org/10.34117/bjdv6n2-296>
- Rodrigues, N. H., & Silva, L. G. A. (2020). Gestão da pandemia Coronavírus em um hospital: relato de experiência profissional. *Journal of Nursing and Health*, 10(4), e20104004. <https://doi.org/10.15210/jonah.v10i4.18530>
- Simonetti, A. (2011). *Manual de Psicologia Hospitalar: o mapa da doença* (6ª ed.). Casa do Psicólogo.
- Spink, M. J. (Org.) (2013). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas* (edição virtual). Centro Edelstein de Pesquisas Sociais. <https://docplayer.com.br/1386330-Mary-jane-spink-organizadora-praticas-discursivas-e-producao-de-sentidos-no-cotidiano-aproximacoes-teoricas-e-metodologicas.html>
- Sun, N., Wei, L., Shi, S., Jiao, D., Song, R., Ma, L., Wang, H., Wang, C., Wang, Z., You, Y., Liu, S., & Wang, H. (2020). A qualitative study on the psychological experience of caregivers of COVID-19 patients. *American Journal of Infection Control*, 48(6), 592-598. <https://doi.org/10.1016/j.ajic.2020.03.018>
- Weintraub, A. C. A. M., Silva, A. C. L. G., Melo, B. D., Lima, C. C., Barbosa, C., Pereira, D. R., Nogueira, D., Serpeloni, F., Masson, L., Rabelo, I. V. M., Cavanellas, L., Rezende, M., Montenegro, M., El Kadri, M., Souza e Souza, M., Resende, M. T., Magrin, N. P., & Gertner, S. (2020). *Saúde mental e atenção psicosocial na pandemia COVID-19: orientações aos trabalhadores dos serviços de saúde*. Ministério da Saúde. Fiocruz. https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/41828/2/Cartilha_TrabalhadoresSaude.pdf
- World Health Organization. (2020). *Coronavirus disease 2019 (COVID-19): situation report –78*. http://www.who.int/docs/default-source/coronavirus/situation-reports/20200407-sitrep-78-covid-19.pdf?sfvrsn=bc43e1b_2

Data de submissão: 19/05/2022
Primeira decisão editorial: 22/02/2023
Aceite: 05/06/2023